

A black and white photograph of a modern house with large glass windows and a curved concrete bench in the foreground, surrounded by tropical plants. The house has a flat roof and is partially obscured by trees and foliage. The foreground features a curved concrete bench and several large potted plants, including palm trees and other tropical species. The overall atmosphere is serene and modern.

Casa—ateliê

Tomie Ohtake

Ministério da Cultura, Nubank e
Instituto Tomie Ohtake apresentam

Casa-ateliê Tomie Ohtake

Fotografias

Cristiano Mascaro
Mauro Restiffe
Acervo Ohtake





Localizada no bairro do Campo Belo, fora dos principais eixos institucionais da cidade de São Paulo, a Casa-ateliê Tomie Ohtake foi, por mais de quatro décadas, espaço de moradia, trabalho e encontros da artista. Projetada por seu filho mais velho, o arquiteto Ruy Ohtake, e construída em três etapas, a residência acompanhou a vida da família, as demandas do ateliê, os acervos de Ricardo Ohtake e a própria formulação do pensamento arquitetônico de Ruy.

Desde o início, privilegiaram-se os espaços de convivência: quartos compactos contrastam com salas amplas, concebidas como uma espécie de praça, destinada à socialização e ao diálogo com artistas e intelectuais. A casa afirma, assim, uma forma moderna de articular vida e trabalho, ao mesmo tempo em que se insere na história cultural brasileira como lugar de encontro e de circulação de ideias.

Pensar seu futuro implica reconhecer sua condição de patrimônio polivalente: obra significativa dos anos de formação de Ruy, espaço de atuação de Ricardo e, sobretudo, lugar do trabalho e da vida de Tomie entre 1970 e 2015. Mais do que de seu tombamento, sua continuidade depende de uso ativo. Preservar, aqui, é manter em funcionamento – ativar o espaço com cultura, arte e memória em movimento.

Trata-se de uma arquitetura que equilibra recolhimento e abertura, silêncio e troca, apta a acolher visitas, conversas, exposições, oficinas e pesquisas diversas e transdisciplinares. Nesse

movimento, sob a direção do Instituto Tomie Ohtake, consolida-se como espaço de interesse público, não apenas voltado à memória, mas também à produção cultural contemporânea.

A Casa-ateliê permanece como testemunho das trajetórias de Tomie, Ruy e Ricardo, sustentando um legado de inventividade artística e partilha coletiva, continuamente reativado por novas práticas, encontros e experiências. Assim, mais uma vez, a família Ohtake entrega um espaço cultural para São Paulo e para o Brasil.

Instituto Tomie Ohtake





**Para criar
e viver**

Sabrina Fontenele

No bairro do Campo Belo, zona sul de São Paulo, encontra-se a casa onde morou a artista Tomie Ohtake por quase cinco décadas. Projetado pelo arquiteto Ruy Ohtake, seu primogênito, em 1966, o edifício foi pensado desde o princípio como espaço de experimentação da artista e como lugar de acolhimento para sua produção, seus estudos, seus interesses, assim como para as obras de artistas com quem ela dialogava. A casa configurou o universo criativo de Tomie na medida em que abrigou seu ateliê e seu espaço para guardar livros e objetos.

A ocupação da casa evidencia a biografia de sua moradora, assim como acontece na Casa Azul de Frida Kahlo, na Casa-estúdio de Georgia O'Keeffe, na Casa de Vidro de Lina Bo Bardi, na Casa de Cora Coralina e na morada de tantas outras mulheres com trajetórias de vida marcantes expressas em seus cotidianos domésticos, públicos e profissionais. As marcas de tinta registradas pelo piso do ateliê, as maquetes de estudo em diversas escalas e tamanhos, as mapotecas recheadas de pastas com registros de seus estudos indicam aspectos dos processos de trabalho de Tomie, enquanto as plantas cultivadas no jardim e as fotografias de encontros revelam alguns dos seus hábitos domésticos.

Os croquis de Ruy demonstram desde o princípio a necessidade de um ateliê com bancadas de trabalho, iluminação e ventilação constante, além de pé-direito alto para possibilitar os gestos corporais amplos que configuravam suas

obras de grande porte. O desenho organiza um espaço de criação, experimentação, tentativas e descobertas com os mais diversos materiais.

Ruy Ohtake esclarece em entrevista a Paola Menaldo:¹ “Tomie sempre teve o ateliê como parte da casa. Acho que é uma grande vantagem para artistas, escultores, escritores e músicos trabalhar em casa. Espaços bons para criar e viver”. O largo sofá de concreto e a ausência de portas de isolamento no ateliê demonstram que o espaço de trabalho individual também é entendido como de trocas e diálogos.

A família Ohtake mudou para o edifício recém-construído em 1970. Antes disso, morou em uma casa na Mooca. Ali, Tomie começou a pintar aos 39 anos, inicialmente em um espaço adaptado da casa que muitas vezes não permitia que ela tivesse distanciamento suficiente para analisar telas maiores. Pessoas próximas da artista relatam que ela costumava sair da casa para olhar para a sala pela janela da fachada e, assim, observar sua produção. Na nova residência, o ateliê é construído de maneira cuidadosa e adequada às diferentes escalas de seu trabalho.

A Casa-ateliê Tomie Ohtake foi construída em três etapas, sendo ampliada à medida que terrenos vizinhos foram comprados. Em sua primeira fase (1970–1984), as salas de jantar e de estar eram amplas, planejadas como ambientes de socialização intensa da família. Os espaços de convivência sempre foram protagonistas da organização espacial, o que Ruy chamava de

“praça coberta”: lugares de encontros e debate com boa parte da cena cultural e intelectual de São Paulo durante décadas.

A residência implantou-se originalmente em um lote comprido conectado ao miolo da quadra, o que delineava um terreno em formato de “L”. As paredes executadas em blocos de concreto são ocupadas por estantes preenchidas com livros, cerâmicas, telas – rastros da vida de seus moradores.

O setor de serviço – quarto, lavanderia e cozinha – ocupa um volume amarelo que se destaca no acesso à casa. Na configuração inicial, a sala de jantar era separada desse núcleo por uma parede de concreto azul que não encostava na laje, enquanto uma mesa foi implantada abaixo de uma claraboia para garantir iluminação natural no espaço de refeição. Essa área está diretamente vinculada à sala de estar, que se configura próxima à lareira e se banha da luz do jardim.

As casas unifamiliares paulistanas foram um laboratório de experimentações das domesticidades modernas, nos seus aspectos técnicos, da sociabilidade familiar e dos papéis de gênero. O historiador inglês Tim Benton, em seu livro *The Modernist Home*, questionou se seria possível ter um lar moderno numa casa moderna (aproveitando-se do trocadilho entre *home*/lar e *house*/casa, em inglês). Benton apresenta, ainda, a hipótese de que as casas desenhadas pelos arquitetos do movimento moderno não são construídas para qualquer um: “o modernismo

foi concebido à imagem de um tipo muito particular de pessoa”.² Também arquitetos como Paulo Mendes da Rocha, Abrahão Sanovicz e Julio Katinsky arriscaram projetar suas próprias casas. Nenhuma dessas construções ousou propor dormitórios tão enxutos e monásticos quanto os encontrados na Casa-ateliê de Tomie. A disposição dos dormitórios sugere que quaisquer outras atividades, que não o dormir, devem ser realizadas fora dos quartos – o que enfatiza a integração entre os espaços e a aproximação entre usuários.

A relação entre luzes e cores nos cômodos é marcante e sugere caminhos e descobertas. As paredes de concreto, assim como os vidros da esquadria de acesso, são pintadas com as cores primárias: amarelo, vermelho e azul. O pé-direito baixo desse ambiente destaca o ritmo marcado das vigas transversais, esbeltas e altas, espaçadas em vãos de apenas 120 centímetros. A entrada da casa é inicialmente mais escura, mas, à medida que se adentra, com os passos ritmados pela modulação da construção e a percepção aguçada pelas cores e pela penumbra, a luz do jardim faz-se perceptível e conduz o deslocamento pela casa, estimulando o *promenade architecturale*, ou passeio arquitetônico, conforme os corpos se deslocam e as sensações apreendidas variam. Essa luz adentra o ateliê da artista, localizado no fundo do terreno.

Na década seguinte, o terreno vizinho foi comprado pela família, o que permitiu a expansão



da casa: a cozinha foi aumentada e a sala de jantar deslocou-se para um espaço mais amplo e voltado para o jardim, enquanto um escritório e um quarto extra foram construídos para melhor acomodar o cotidiano de Ricardo Ohtake, o filho mais novo de Tomie, que passava parte da semana em sua companhia. A terceira etapa foi marcada pela construção de um novo ateliê, em 1994. Ruy Ohtake trabalhou com sinais de continuidade e ruptura em relação a seu projeto original. Se o piso de concreto preto tinha o mesmo tratamento por toda casa e as aberturas com superfícies de concreto já indicavam caminhos e passagens de um setor para outro, a cobertura metálica do novo ateliê marcou a busca constante de Ruy por uma linguagem de seu tempo. O concreto – no mobiliário, nos blocos das paredes, na laje da cobertura – passou a conviver com uma claraboia de aço e vidro que garante uma luz intensa neste espaço de trabalho.

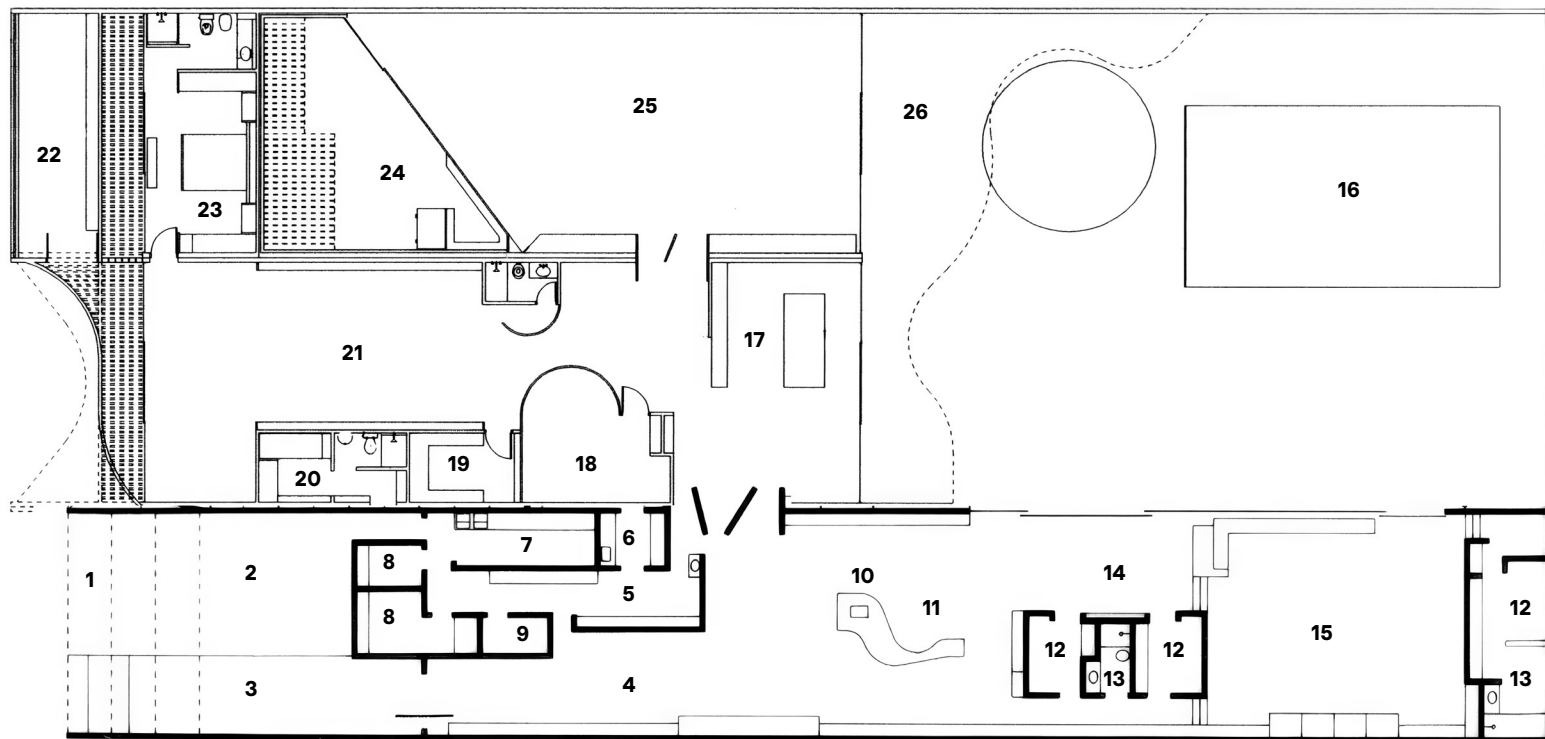
O mobiliário em concreto – executado em sessenta dias e com uma espessura tão fina que fugia às normas técnicas da época – está intimamente relacionado com a organização espacial da casa. Mesas de jantar e de trabalho, bancadas, estantes e aparador são desenhados com elegância para ocupar os cômodos e são preenchidos por objetos que configuram a galeria que se desenvolve por toda a casa.

A Casa-ateliê Tomie Ohtake é uma obra fundamental na história da arquitetura brasileira.

Representa formas de morar modernas, ambientes de trabalho de uma artista marcante e um espaço de encontros e debates da cena cultural brasileira e internacional. O edifício recebeu o Prêmio Anual IAB do Instituto de Arquitetos do Brasil de 1971 como melhor projeto e foi reconhecido como patrimônio da cidade de São Paulo pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), em 2013.

- 1 Entrevista por e-mail a Paola Menaldo em 2012. Documento encontrado no acervo de Ohtake Arquitetura.
- 2 BENTON, Tim. *The Modernist Home*. Londres: V & A Publishing, 2006. p. 16.





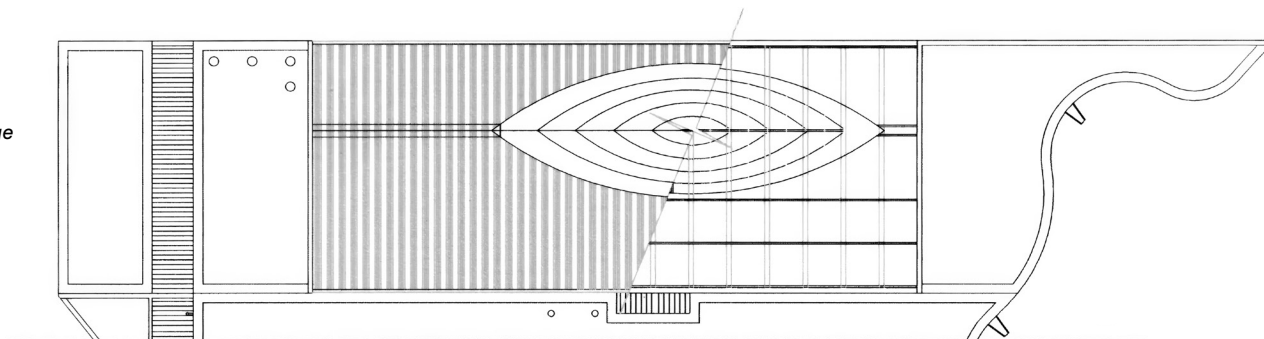
PLANTA PLAN

0 1 5 10m

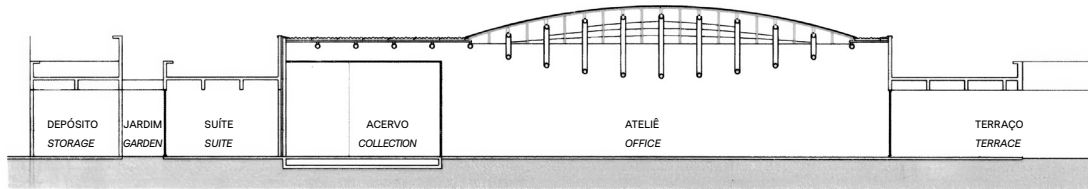


1ª ETAPA 1ST STAGE: 1966

- 1 Rampa *Ramp*
- 2 Abrigo de automóveis *Garage*
- 3 Acesso *Access*
- 4 Vestíbulo *Vestibule*
- 5 Copa *Pantry*
- 6 Cozinha *Kitchen*
- 7 Lavanderia *Laundry*
- 8 Dormitório de funcionárias
Employee bedroom
- 9 Banheiro *Bathroom*
- 10 Lareira *Fireplace*
- 11 Sala de estar *Living room*
- 12 Dormitórios *Bedrooms*
- 13 Banheiro *Bathroom*
- 14 Escritório *Office*
- 15 Ateliê *Studio*
- 16 Piscina *Pool*



PLANTA DE COBERTURA *ROOF PLAN*



CORTE AA *SECTION AA*

2ª ETAPA 2ND STAGE: 1982

- 17 Sala de Jantar *Dining room*
- 18 Cozinha ampliada
Expanded kitchen
- 19 Depósito *Storage*
- 20 Dormitório *Bedroom*
- 21 Biblioteca *Library*

3ª ETAPA 3RD STAGE: 1996

- 22 Depósito *Storage*
- 23 Suíte *Suite*
- 24 Acervo *Collection*
- 25 Ateliê *Studio*
- 26 Terraço *Terrace*







**Entre jantares
e jardins**

A Casa-ateliê Tomie Ohtake é, nas palavras do crítico de arte e professor Miguel Chaia, um lugar de *mistério* e *acolhimento*. Planejada, em 1966, com o propósito de ser morada e de garantir um ambiente de trabalho para Tomie, a Casa-ateliê tornou-se referência para a história da arquitetura e da arte. Não se pode descrever o desenho de Ruy Ohtake sem destacar as escolhas de distribuição de espaços privados e de convivência, o uso escultural do concreto e o pé-direito baixo e ritmado. Impossível, também, falar sobre a casa sem contar sobre aqueles que nela viveram e a frequentaram.¹

Planejada para os três membros da família, a casa começou a ser habitada em 1970: a artista viveu neste espaço desde os 57 anos de idade até sua morte; Ruy permaneceu ali por três anos; e Ricardo viveu nela por aproximadamente 47 anos. Ao visitar a casa pela primeira vez, destaca-se a impressão deixada pelos dormitórios destinados aos irmãos. Estes parecem ter sido projetados para serem usados com os olhos fechados: estreitos e com pouca luz natural, característica que contrasta com os amplos espaços comuns valorizados por Ruy em seu projeto, os quais estimulavam a convivência familiar e ofereciam um generoso espaço de trabalho para Tomie.

Inicialmente, Ruy concebeu um estúdio para Tomie na parte posterior da casa, adjacente ao seu próprio quarto, com o intuito de proporcionar um ambiente para sua produção

artística, com espaço suficiente para movimentação de mesas e cavaletes. O ambiente foi projetado para maximizar a entrada de luz natural, através de amplas esquadrias e domus na laje. Iluminadas pela luz natural do dia, as pinturas da artista foram influenciadas pela claridade externa da casa.

No início dos anos de 1980, o edifício passou por sua primeira reforma, inaugurando um importante espaço para receber o acervo de catálogos, livros e revistas da família. Além disso, Ricardo ganhou uma mesa para que pudesse trabalhar próximo aos livros e ao espaço que viria a abrigar seu quarto novo. Durante esse mesmo período, a artista produziu obras em escala cada vez maior, o que demandava ainda mais espaço, algo que viria a ser contemplado em um terceiro momento de expansão da casa, no início dos anos 1990.

No miolo da quadra, o amplo jardim possibilita iluminação em vários ambientes da casa e mobiliza encontros de diversas naturezas ao redor da piscina. As irmãs Jane e Rosa Lima, que trabalham na residência desde os anos 2000, relatam que Tomie era talentosa com os arranjos de flores e passava muito tempo nessa área externa, apreciando o paisagismo tropical. O espaço é composto pelo colorido catavento da artista e por obras de outros amigos, como Amilcar de Castro, Carlos Motta, Maurício Bentes, Nobuo Mitsunashi e Yutaka Toyota. A paisagem é, ainda, enriquecida pelas lanças







1 O texto foi escrito a partir de entrevistas com pessoas que foram próximas à artista e à família. Agradecemos em especial a Ricardo Ohtake, Rodrigo Ohtake, Jane dos Santos Lima, Rosa Maria dos Santos Lima, Marcy Junqueira, Miguel Chaia e Kimi Nii.

de São Jorge, presenteadas por Burle Marx, e pelo pé de limão japonês Yuzu – que, segundo Ricardo, deu todos os tipos de cítricos antes de oferecer, de fato, o limão Yuzu.

A família mantinha a tradição dos almoços de domingo, inicialmente frequentados pelos três moradores, e que, mais tarde, passaram a incluir noras, netos e, ocasionalmente, amigos próximos. Marcy Junqueira, esposa de Ricardo, e Rodrigo e Elisa Ohtake, filhos de Ruy, lembram que os domingos costumavam ser passados em volta da mesa. Alternando entre a sala de jantar e o jardim, as refeições aconteciam em torno das grandes superfícies de concreto desenhadas por Ruy. Esses momentos começavam de manhã com palitinhos de queijo e se estendiam até o início da noite com o tradicional macarrão frio japonês. Marcy conta que, mesmo com a mesa cheia, a casa era um espaço de silêncio, oferecendo um ambiente propício à concentração e ao trabalho criativo.

Além de espaço de aconchego familiar e de labor, a Casa-ateliê é, ainda, uma espécie de galeria, expondo artistas que eram próximos à família ou admirados por Tomie. Caminhando pela casa, é possível reconhecer as obras de Alfredo Volpi, Kimi Nii, Lydia Okumura, Nicolas Vlavianos, Shoko Suzuki, entre tantos outros. O mobiliário também carregava a assinatura de nomes prestigiados, como Arne Jacobsen, Charlotte Perriand, Harry Bertoia, Le Corbusier e Sérgio Rodrigues.

A artista desfrutava de uma vida movimentada. Sua casa anterior, na Mooca, já era frequentada por importantes figuras das artes e da cultura. Com o passar dos anos e o crescimento da família, os Ohtake passaram a ter mais influência no cenário cultural, e a residência passou a ser visitada por renomados nomes. Personalidades como José Saramago, Pilar del Río, Walter Salles, Fernanda Montenegro, Yoko Ono, Kazuo Ohno, Robert Storr, León Ferrari, Ingo Maurer, Mario Botta, Oscar Niemeyer, Paulo Mendes da Rocha, Sérgio Ferro, Kazuyo Sejima, Ryue Nishizawa, Ismael Silva, Bob Wilson, Carmela Gross, Leda Catunda, Danilo Santos de Miranda e Candice Bergen foram algumas das ilustres visitas nacionais e internacionais. Além disso, Tomie recebia periodicamente um grupo de amigos artistas japoneses e nipo-brasileiros, em companhia de Vera e Miguel Chaia, amigos de longa data. A casa era um espaço de convivência calorosa, marcado pela presença marcante de Tomie, que, nas palavras de Nii, transformava o local em uma espécie de clube para esses amigos.

Aqueles próximos da família contam que sempre que Tomie percebia alguém entrar em seu ateliê, descia seu pincel, em sinal de respeito ao trabalho e à visita.





**Ruy Ohtake:
o olhar para uma
trajetória a partir
da habitação**

Sabrina Fontenele

Ruy Ohtake teve uma produção longa e profícua, que se estendeu por mais de cinco décadas numa busca constante pela atualização de suas práticas, métodos e tecnologias de trabalho. De acordo com os registros do escritório Ohtake Arquitetura, foi responsável pelo projeto de aproximadamente trezentas obras ao longo da vida. Entre públicas e particulares, abrangem edifícios residenciais, corporativos, hoteleiros, comerciais e de infraestrutura urbana. Mesmo que Ruy com frequência afirmasse que arquitetura é obra construída e deixasse de lado, em sua contagem, as propostas não executadas, é importante enfatizar também o impacto de experimentos que se desdobram em concretizações e que reforçam sua dedicação incansável à pesquisa.

Como é recorrente na trajetória de arquitetos, as primeiras encomendas profissionais de Ruy foram projetos residenciais. Vistos em conjunto, eles são exemplares da diversidade de soluções, implantações e organizações espaciais domésticas para clientes com interesses diversos. A Casa Rosa Okubo (1964) já anunciava algumas das posturas projetuais que Ruy desenvolveu ao longo de sua trajetória: a integração entre os espaços e o cuidado com a implantação do programa no lote. Com seus móveis de concreto e pé-direito baixo, o edifício trazia sensação de acolhimento e intimidade para a família que morou na Vila Mariana. Já na Casa-ateliê Tomie Ohtake, apresentada nesta publicação, o programa doméstico com

a necessidade de espaços de desenvolvimento profissional da artista resultou em um dos mais belos exemplares da escola paulista.

As duas casas mencionadas acima, juntamente com outras quatro projetadas pelo arquiteto,¹ foram tombadas em 2013 pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp).² O tombamento das casas demonstra a importância da obra de Ruy Ohtake para o cenário arquitetônico e cultural da cidade de São Paulo nas primeiras décadas de sua trajetória. Mas, além daquelas identificadas e oficializadas pelo órgão municipal, existe uma quantidade grande de projetos residenciais desenvolvidos por ele para artistas, curadores e colecionadores, e que demonstram sua busca pela elaboração de uma arquitetura alinhada aos desafios de seu tempo.

Muitas dessas casas organizam seus espaços internos a partir de uma grande cobertura e da entrada de luzes que guiam os deslocamentos ou chamam atenção para pontos específicos da obra. Assim, permitem que as atividades organizem – ora isolando, ora integrando – seus usuários a partir da construção de volumes opacos e transparentes, de rasgos nas paredes internas, da forma e disposição inusitada de seu mobiliário. Isso pode ser observado em exemplares como a Casa Zuleika Halpern (2004), onde a sala de estar, de jantar e o jardim parecem configurar a mesma área, ou na Casa Marcos



Ruy Ohtake
arquiteto





- 1 São elas: Casa Chiyo Hama (1967), Casa Nadir Zacharias (1970), Casa José Roberto Filippelli (1970) e Casa Paulo Bittencourt Filho (1972).
- 2 Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/04/residencias-RuyOhtake-conpresp.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2026.

Schwartzman (1981), cujo programa é disposto em vários andares integrados pelas aberturas do vazio central.

Em termos de produção para habitação multifamiliar, a proposta do Portal da Cidade (1986) garantiu a implantação de oito torres de 22 andares, no Morumbi. Nessa extensa área urbana, uma grande marquise oferece aos moradores áreas de convivência intensa com a presença de teatro, auditório, áreas esportivas, lanchonetes, entre outros. Se planejar esse complexo, que abriga quase 2 mil pessoas, mostrou-se um desafio interessante para propor a vida em coletividade, o projeto do Condomínio Residencial Heliópolis (2009) intensificou esse processo ao se aproximar de famílias de baixa renda para repensar espaços e rotinas conjuntamente. Foram desenhados prédios com dezoito apartamentos de 50 m² a partir de plantas redondas, por isso apelidadas carinhosamente de “redondinhos” pelos moradores. Nos térreos das torres, implantaram-se apenas dois apartamentos, para que o restante da área fosse destinada ao convívio social dos vizinhos. Além disso, foram planejadas bibliotecas, escolas e quadras esportivas, assumindo a necessidade de pensar espaços coletivos para recreação, desenvolvimento pessoal e sociabilidade.

Essas experiências habitacionais demonstram que seus espaços são promovedores de sociabilidade, seja nas amplas e acolhedoras salas, muitas vezes integradas aos jardins, seja nas áreas de convivência comum, onde encontros se realizam em meio a cores e formas intensas.





Tomie Ohtake 1913—2015

Nascida em Quioto, no Japão, Tomie Nakakubo chegou a São Paulo em 1936, acompanhada por seu irmão, para visitar outro irmão que já morava na cidade. Apesar do plano inicial de ficarem por até dois anos, o aumento das tensões que antecederam a Segunda Guerra Mundial fez com que Tomie decidisse ficar no Brasil. Em 1937, casou-se com Ushio Ohtake – um amigo e colega de trabalho de seu irmão –, com quem teve dois filhos, Ruy Ohtake (1938–2021) e Ricardo Ohtake (1942), antes de se separar em 1961.

Em 1952, aos 39 anos, realizou suas primeiras pinturas, que expôs nesse mesmo ano no 2º Salão Paulista de Arte Moderna. No ano seguinte, iniciou suas incursões abstratas e aproximou-se do Grupo Seibi, ou Seibi-kai, que reunia, desde 1935, artistas nipo-brasileiros para produzir, discutir e divulgar seus trabalhos, com forte ênfase na liberdade individual das produções. Em um grupo composto, em sua grande maioria, por homens – bem como por artistas do campo da abstração em geral –, Tomie Ohtake abriu, não sem resistências, um espaço no campo das artes brasileiras. Nessa primeira década de produção, participou de inúmeros salões e exposições coletivas; exibiu sua primeira mostra individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1957; e, já em 1961, participou da 6ª Bienal Internacional de São Paulo.

A partir de 1960, o processo construtivo e projetual das pinturas passou a ser muito importante para Tomie. Selecionando texturas e cores de revistas, ela rasgava pequenos pedaços de papéis e criava composições em colagem que serviam de projeto para suas pinturas, nas quais, à tinta a óleo, formavam-se blocos de cor de bordas irregulares. Na década seguinte, os recortes passaram a ser feitos com tesoura, tornando as bordas limpas e contínuas, o que, consequentemente, alterou suas pinturas. Nesse momento, Tomie também começou a explorar a gravura, o que resultou em uma grande produção de serigrafias e gravuras em metal. Foi também em 1970

que ela se mudou da casa onde morava, no bairro da Mooca, para a Casa-ateliê, no Campo Belo.

A partir dos anos 1980, a pintura de Tomie Ohtake alterou-se com a adoção gradual da tinta acrílica, permitindo-lhe a sobreposição de camadas fluidas, com as quais construía um jogo de transparência e profundidade. Paralelamente à pintura, começou a produzir esculturas e obras públicas, muitas delas de grandíssima escala. Da mesma maneira que pensava suas pinturas projetualmente, essas obras também nasciam da construção de pequenas maquetes – em arame ou papel –, que eram posteriormente ampliadas por equipes de engenheiros. Esculturas em aço ou concreto, painéis de pastilhas coloridas ou grandes murais em empenas de edifícios, essas obras transformaram a sua relação com o espaço urbano e com o público, e a artista as produziu até o fim de sua vida.

Também seguiu pintando até os 101 anos de idade, com consecutivas novas experimentações e interesses que a levaram, na década de 2010, à sua última grande guinada, com a produção de luminosos monocromos. Faleceu poucos meses depois de concluir esse grupo de obras, deixando-nos seu legado e comprometimento com a experimentação e a liberdade de criação que generosamente compartilhou, desde sempre, com todos que a rodeavam.

Aberto em 2001, o Instituto Tomie Ohtake carrega seu legado e seu compromisso com a experimentação e o diálogo com os mais diversos campos das artes, da arquitetura e do design.

Ruy Ohtake

1938—2021

Ruy Ohtake nasceu em São Paulo e graduou-se como arquiteto e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), em 1960. Durante mais de seis décadas de atuação profissional, trabalhou na concepção e na execução de obras em diversas escalas: do design de objetos até a intervenção em grandes áreas urbanas. As centenas de projetos realizados com programas variados – residências unifamiliares, agências de empresas bancárias e de serviços públicos, edifícios de apartamento e de escritórios, espaços culturais e educacionais, além de obras infraestruturais e equipamentos públicos – demonstram sua preocupação constante com a criação de espaços de sociabilidade; a busca por tecnologias inovadoras; o cuidado com a plasticidade dos volumes, relevos e superfícies; e a presença de cores marcantes, a exemplo do Instituto Tomie Ohtake.

Entre seus projetos com dimensão urbanística de grande porte, destacam-se o Parque Ecológico do Tietê (1975), projetos culturais e educacionais em Heliópolis e o Expresso Tiradentes (2007), que atestam sua preocupação social. O arquiteto foi também presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) entre os anos 1979 e 1982.

Ruy foi condecorado com o Colar de Ouro do Instituto de Arquitetos do Brasil, em 2007, além de ter recebido 25 prêmios. Obteve, ainda, os títulos de Professor Emérito da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos e de Professor Honoris Causa da Universidade Braz Cubas.

Ricardo Ohtake

1942

Formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), Ricardo Ohtake, durante 50 anos, teve escritórios de design gráfico com diferentes sócios e solo, cuja produção incluiu identidades visuais, atividades culturais e, principalmente, projetos editoriais e gráficos de livros de arte. Dentre os livros, destacam-se *Oscar Niemeyer* (1985 e 2007), *Tomie Ohtake* (1983 e 2001), *O livro do rio Tietê* (1991), entre outros. Foi diretor da Associação dos Designers Gráficos (ADG Brasil), encarregando-se dos seus programas culturais e contribuindo para o campo do design brasileiro e das atividades dos designers atuantes.

Foi professor de diversas faculdades de arquitetura, de comunicação e de artes plásticas entre 1968 e 1983. Ocupou cargos na administração pública, sendo o primeiro diretor do Centro Cultural São Paulo (1980–1983), além de diretor do Museu da Imagem e do Som de São Paulo (1989–1991) e da Cinemateca Brasileira (1992–1993). Foi também Secretário da Cultura do Estado de São Paulo (1993–1995) e Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente (1998–2001), quando criou e deu início ao Atlas Ambiental do Município de São Paulo e realizou projetos de restauro dos parques da Luz e do Ibirapuera, entre outros.

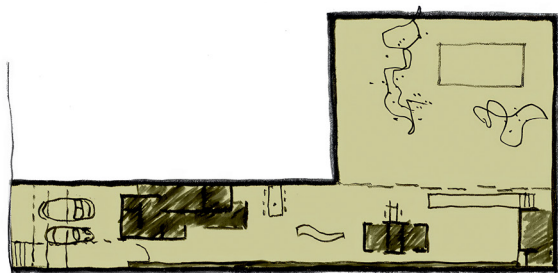
Foi curador do Brasil na Bienal de Arquitetura de Veneza (2010) e um dos curadores da exposição de arquitetura brasileira *Neun Neue* [Nove Novos], paralela à Feira do Livro de Frankfurt (2013). Ocupou a Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, em 2017. Atualmente é presidente de honra da Associação Nacional das Entidades Culturais Não Lucrativas (ANEC). Fundou o Instituto Tomie Ohtake em 2001, onde atuou como presidente por 23 anos e, desde 2023, é presidente do Conselho Deliberativo.

A CASA FOI CONSTRUÍDA EM 3 ETAPAS, DISTANTES.

ETAPA DE
PROJETO

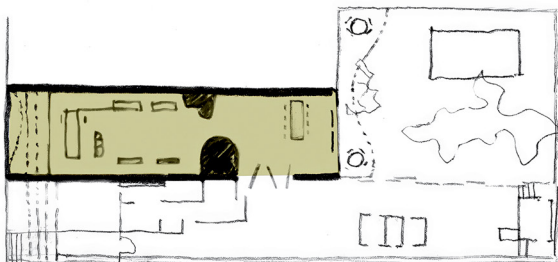
1ª

1966



ETAPA DE
PROJETO

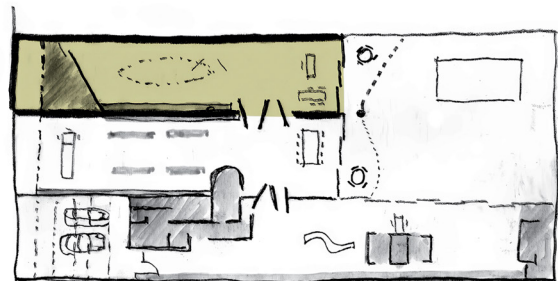
2ª

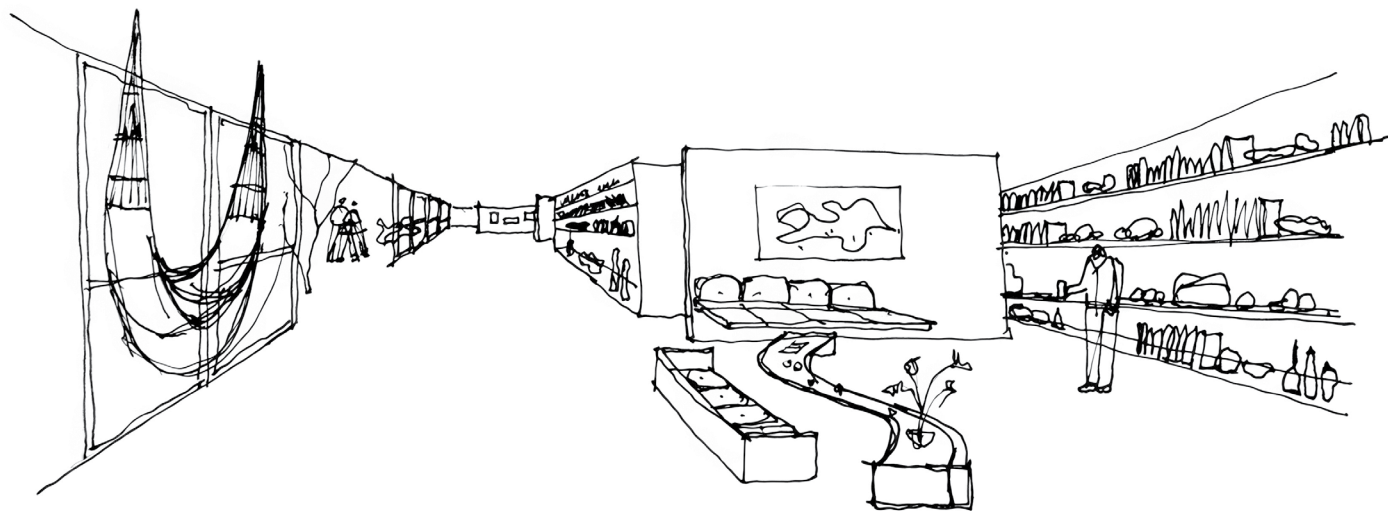


ETAPA
de PROJETO

3ª

1992





Referências bibliográficas

- CHAIA, Miguel. Tomie Ohtake: à procura da essência da arte. *Arte em São Paulo*, São Paulo, n. 7, maio, 1982.
- GUERRA, Abilio; SANTOS, Silvana Romano (Orgs.). *Ruy Ohtake, arquiteto*. São Paulo: Romano Guerra, 2021.
- HERKENHOFF, Paulo. *Pinturas cegas: Tomie Ohtake*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009; Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012.
- HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake: gesto e razão geométrica*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2014.
- HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake na Trama Espiritual da Arte Brasileira: Exposição Comemorativa dos 90 Anos da Artista*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2003.
- MACC (Museu de Arte Contemporânea de Campinas). Depoimento de Tomie Ohtake para o 10º Salão de Arte Contemporânea de Campinas – Arte no Brasil: Documento/Debate. Campinas, 1975. (Folheto).
- MENDONÇA, Casimiro Xavier. *Tomie Ohtake*. São Paulo: Ex Libris, 1983.
- MIYADA, Paulo. *Tomie Ohtake 100-101*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2015.
- MIYADA, Paulo; GOMES, Priscyla (Orgs.). *Tomie*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2022. (com textos de Paulo Miyada, Priscyla Gomes, Mario Pedrosa, Aracy Amaral, Agnaldo Farias, Miguel Chaia, Paulo Herkenhoff, Ana Paula Cavalcanti Simioni e Sofia Gotti).
- OHTAKE, Ricardo. *Tomie Ohtake: obras públicas*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2013.
- OHTAKE, Ruy. *Arquitetura e a cidade*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009.
- PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. *Tomie Ohtake: pinturas novas*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2011.
- RILEY, Terrence; CLEMENCE, Paul; KATINSKY, Julio; ANTUNES, Bianca. *Ruy Ohtake: arquitetura para pessoas*. São Paulo: APC, 2016.
- SEGRE, Roberto. *Ruy Ohtake: contemporaneidade da arquitetura brasileira*. São Paulo: ABCP, 1999.
- SPANUDIS, Theon. A pintura de Tomie Ohtake. *Habitat*, São Paulo, mar./abr., 1965.





Located in the Campo Belo neighborhood, away from the city of São Paulo's main institutional circuits, the Tomie Ohtake House-Studio served as the artist's home, workplace, and gathering space for over four decades. Designed by her eldest son, architect Ruy Ohtake, the residence was built in three phases, evolving to meet the needs of family life, Tomie's creative practice, and the collections of her son Ricardo Ohtake, while reflecting the development of Ruy's architectural thinking.

From the beginning, shared spaces were prioritized: compact bedrooms stood in contrast to expansive living areas conceived as a kind of plaza—a place for socializing and dialogue with artists and intellectuals. The house thus affirms a modern way of articulating life and work, while also becoming part of Brazilian cultural history as a place for encounters and the circulation of ideas.

Considering its future means recognizing its polyvalent heritage: a significant work from the formative years of architect Ruy Ohtake; a place of daily activity for cultural manager Ricardo Ohtake; and especially the home of the labor and everyday life of artist Tomie Ohtake from 1970 to 2015. Beyond its heritage designation, its continuity depends on active use. Here, to preserve it is to keep it in operation—activating the space through culture, art, and memory in motion.

It is an architecture that balances retreat and openness, silence and exchange, apt to host visits, conversations, exhibitions, workshops, and diverse forms of transdisciplinary research. In this process, under the direction of the Instituto Tomie Ohtake, it consolidates itself as a space of public interest, oriented not only toward memory but also toward contemporary cultural production.

The House-Studio remains a testament to the trajectories of Tomie, Ruy, and Ricardo, sustaining a legacy of artistic inventiveness and collective exchange, continually reactivated through new practices, encounters, and experiences. In this way, once again, the Ohtake family offers a cultural space to São Paulo and to Brazil.

Instituto Tomie Ohtake

A PLACE TO CREATE AND LIVE

Sabrina Fontenele

In the Campo Belo neighborhood, in the South of São Paulo, stands the house where artist Tomie Ohtake lived for almost five decades. Designed in 1966 by the architect Ruy Ohtake, her eldest son, the building was conceived from the beginning as a space for the artist's experimentation and as a place to accommodate her production, studies, and interests, as well as the works of artists with whom she interacted. The residence shaped Tomie's creative universe as it housed her studio and her space for storing books and objects.

The occupation of the house reveals the biography of its resident, similar to Frida Kahlo's Casa Azul [Blue House], Georgia O'Keeffe's Home and Studio, Lina Bo Bardi's Casa de Vidro [Glass House], Cora Coralina's House, and the homes of many other women whose remarkable life trajectories are expressed in their domestic, public, and professional routines. The paint marks on the studio floor, the study models in various scales and sizes, and the map cabinets filled with folders documenting her studies indicate aspects of Tomie's work processes – while the plants cultivated in the garden, as well as the photographs of gatherings, reveal some of her domestic habits.

Ruy's sketches demonstrate the need for a studio with workbenches, constant lighting and ventilation, as well as high ceilings to enable the broad bodily gestures that characterized her large-scale works. The design organizes a space for creation, experimentation, attempts, and discoveries with a wide range of materials. In an interview with Paola Menaldo,¹ Ruy Ohtake explains: "Tomie always had the studio as part of the house. I think it's a great advantage for artists, sculptors, writers, and musicians to work at home. Good spaces for creating and living." The large concrete sofa and the absence of isolating doors in the studio show that the individual workspace is understood as a place for exchanges and dialogues.

The Ohtake family moved into the newly constructed building in 1970. Before that, they lived in a house in

Mooca. There, Tomie began painting at the age of 39, initially in an adapted space that often did not allow her enough distance to analyze larger canvases. People close to the artist recount that she used to leave the house to look at the living room from the front window, in order to examine her work. In the new residence, the studio was carefully and appropriately constructed to accommodate the different scales of her work.

Tomie Ohtake's House-Studio was built in three stages, expanding as neighboring plots were purchased. In its first phase (1970–1984), the dining and living rooms were spacious, designed as intense social environments for the family. The living spaces were central to the spatial organization, what Ruy called a “covered square:” places for meetings and debates with a large part of São Paulo's cultural and intellectual scene over the decades.

The residence was originally situated on a long lot connected to the middle of the block, forming an “L”-shaped plot. The concrete block walls are occupied by shelves filled with books, ceramics, canvases – traces of the residents' lives.

The service area – bedroom, laundry, and kitchen – occupies a yellow volume that stands out at the house's entrance. In the initial layout, the dining room was separated from this nucleus by a blue concrete wall that did not touch the ceiling slab, while a table was placed under a skylight that ensured natural light in the dining area. This space is directly connected to the living room, which is located near the fireplace and bathed in light from the garden.

São Paulo's single-family houses were laboratories for modern domesticity experiments, in their aspects related to techniques, family sociability, and gender roles. The English historian Tim Benton, in his book *The Modernist Home*, questioned whether it was possible to have a modern home in a modern house, playing with the meaning of the similar words. Benton also hypothesizes that houses designed by modernist architects were not built for just anyone: “modernism was conceived in the image of a very particular type of person.”² Architects such as Paulo Mendes da Rocha, Abrahão Sanovicz, and Julio Katinsky also dared to design

their own homes. None of these constructions proposed bedrooms as austere and monastic as those found in Tomie's House-Studio. The arrangement of the bedrooms suggests that any activities other than sleeping should be done outside the rooms – emphasizing the integration of spaces and the closeness among users.

The relationship between light and colors in the rooms is striking and suggests paths and discoveries. The concrete walls, like the glass of the entrance frame, are painted with primary colors: yellow, red, and blue. The low ceiling height of this environment highlights the marked rhythm of the slender and tall transverse beams, separated by a mere 120 cm gap. The entrance to the house is initially darker, but as one walks in, with steps rhythmically following the modulation of the construction and perception sharpened by colors and semi-darkness, the light from the garden becomes noticeable, guiding movement through the house, stimulating the *promenade architecturale*, or architectural walk, as bodies move and the apprehended sensations vary. This light enters the artist's studio, which is located at the back of the lot.

In the following decade, the family purchased the neighboring plot, allowing the house to expand: the kitchen was enlarged and the dining room moved to a broader space facing the garden, while an office and an extra bedroom were built to better accommodate the daily life of Ricardo Ohtake, Tomie's youngest son, who spent part of the week with her. The third phase was characterized by the construction of a new studio in 1994. Ruy Ohtake worked with signs of continuity and rupture in relation to his original project. While the black concrete floor treatment remained consistent throughout the house and the openings with concrete surfaces indicated paths and passages from one sector to another, the metal roof of the new studio marked Ruy's constant search for a contemporary language. The concrete – in the furniture, wall blocks, and ceiling slab – started to coexist with a skylight made of steel and glass that provides intense light in this workspace.

The concrete furniture – executed in sixty days with a thickness so thin it defied technical norms of the time – is

closely related to the spatial organization of the house. Dining and work tables, benches, shelves, and sideboards are elegantly designed to occupy the rooms and are filled with objects that form a gallery which unfolds throughout the house.

Tomie Ohtake's House-Studio is a fundamental work in the history of Brazilian architecture. It represents modern ways of living, the work environments of a remarkable artist, and a space for meetings and debates in the Brazilian and international cultural scene. The building received the IAB Annual Prize from the Instituto de Arquitetos do Brasil in 1971 for best project and was recognized as a heritage site of São Paulo by the Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), in 2013.

- 1 Interview by e-mail with Paola Menaldo in 2012. Document found in Ohtake Arquitetura's collection.
- 2 BENTON, Tim. *The Modernist Home*. Londres: V & A Publishing, 2006. p. 16.

BETWEEN DINNERS AND GARDENS

Julia Cavazzini

Tomie Ohtake's House-Studio is, in the words of art critic and professor Miguel Chaia, a place of *mystery* and *warmth*. Planned in 1966 to serve both as a residence and a work environment for Tomie, the House-Studio has become a reference in the history of architecture and art. It is impossible to describe Ruy Ohtake's design without highlighting the distribution of private and communal spaces, the sculptural use of concrete, and the low, rhythmic ceilings. It is impossible to discuss the house without mentioning those who lived and visited there.¹

Designed for the three family members, the house first became inhabited in 1970: the artist lived in this space from age 57 until her death; Ruy stayed for three years; and Ricardo lived there for approximately 47 years. Upon visiting the house for the first time, the impression

left by the bedrooms intended for the brothers stands out. These appear to have been designed for use with closed eyes: narrow and with little natural light, a characteristic that contrasts with the large common areas emphasized by Ruy in his project, which encouraged family interaction and offered a generous workspace for Tomie.

Initially, Ruy conceived a studio for Tomie at the rear area of the house, adjacent to her own room, intending to provide an environment for her artistic production with enough space for moving tables and easels. The space was designed to maximize natural light through large windows and skylights in the ceiling. Illuminated by natural daylight, the artist's paintings were influenced by the external brightness of the house.

In the early 1980s, the building underwent its first renovation, inaugurating an important space to house the family's collection of catalogs, books, and magazines. Additionally, Ricardo received a desk so he could work near the books and the space that would later accommodate his new bedroom. During this same period, the artist produced increasingly large works, which demanded even more space, eventually addressed in a third expansion phase of the house in the early 1990s.

In the middle of the block, the large garden provides lighting to multiple areas of the house and facilitates gatherings of various kinds around the pool. Sisters Jane and Rosa Lima, who have worked at the residence since the 2000s, recount that Tomie was talented with flower arrangements and spent a lot of time in this outdoor area, enjoying the tropical landscape design. The space includes the artist's colorful pinwheel and works by other friends, such as Amílcar de Castro, Carlos Motta, Maurício Bentes, Nobuo Mitsunashi, and Yutaka Toyota. The landscape is further enriched by the cylindrical snake plants, given by Burle Marx, and the Japanese Yuzu lemon tree – which, according to Ricardo, produced all kinds of citrus fruits before actually yielding Yuzu ones.

The family maintained the tradition of Sunday lunches, initially attended by the three residents and later including daughters-in-law, grandchildren, and

occasionally close friends. Marcy Junqueira, Ricardo's wife, and Rodrigo and Elisa Ohtake, Ruy's children, recall that Sundays were usually spent around the table. Alternating between the dining room and the garden, the meals took place around the large concrete surfaces designed by Ruy. These gatherings began in the morning with cheese sticks and extended into the early evening with traditional Japanese cold noodles. Marcy recounts that even with a full table, the house was a space of silence, providing an environment favorable to concentration and creative work.

In addition to being a space of family comfort and work, the House-Studio is also an art gallery, exhibiting works by artists who were close to the family or admired by Tomie. Walking through the house, one can recognize works by Alfredo Volpi, Kimi Nii, Lydia Okumura, Nicolas Vlavianos, Shoko Suzuki, among many others. The furniture also carried the signature of prestigious names such as Arne Jacobsen, Charlotte Perriand, Harry Bertoia, Le Corbusier, and Sérgio Rodrigues.

The artist enjoyed a busy life. Her previous house in Mooca was already frequented by important figures from the arts and cultural spheres. Over the years and with the family's growth, the Ohtakes gained more influence in the cultural scene, and the residence began to be visited by renowned individuals. Personalities such as José Saramago, Pilar del Río, Walter Salles, Fernanda Montenegro, Yoko Ono, Kazuo Ohno, Robert Storr, León Ferrari, Ingo Maurer, Mario Botta, Oscar Niemeyer, Paulo Mendes da Rocha, Sérgio Ferro, Kazuyo Sejima, Ryue Nishizawa, Ismael Silva, Bob Wilson, Carmela Gross, Leda Catunda, Danilo Santos de Miranda, and Candice Bergen were among the notable national and international visitors. Additionally, Tomie periodically hosted a group of Japanese and Japanese-Brazilian artist friends, accompanied by long-time friends Vera and Miguel Chaia. The house was a space of warm companionship, marked by Tomie's significant presence, which, in Nii's words, turned the place into a club for these friends.

Those close to the family recount that whenever Tomie noticed someone entering her studio, she would lower her brush as a sign of respect for the work and the visit.

- 1 The text was written based on interviews with people close to the artist and her family. Special thanks to Ricardo Ohtake, Rodrigo Ohtake, Jane dos Santos Lima, Rosa Maria dos Santos Lima, Marcy Junqueira, Miguel Chaia, and Kimi Nii.

RUY OHTAKE: LOOKING AT A JOURNEY THROUGH RESIDENTIAL ARCHITECTURE

Sabrina Fontenele

Ruy Ohtake's long-lasting and prolific career spanned over five decades, in a constant pursuit of updating his practices, methods, and work technologies. According to Ohtake Arquitetura's records, he was responsible for designing approximately 300 projects throughout his life. Encompassing public and private buildings, they include residential, corporate, hotel-related, commercial, and urban infrastructure constructions. While Ohtake often emphasized that architecture is about built work, leaving aside unexecuted proposals from his count, it is also important to highlight the impact of the experiments that unfolded into tangible outcomes, and which reinforce his tireless dedication to research.

As is common in the trajectories of architects, Ruy's first professional commissions were residential projects. Taken together, they exemplify the diversity of solutions, implementations, and domestic spatial organizations for clients with diverse interests. The Rosa Okubo House (1964) already announced some of the design attitudes that Ruy developed throughout his career: the integration between spaces and the care in implementing the program on the lot. With its concrete furniture and low ceiling, the building brought a sense of warmth and intimacy to the family that lived in Vila Mariana. On the other hand, in Tomie Ohtake's House-Studio, featured in this publication, the domestic

program with the need for spaces for the artist's professional development resulted in one of the most beautiful examples of the Paulista Brutalism.

The two houses mentioned above, along with four others designed by the architect,¹ were listed in 2013 by the Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp).² The listing of the houses demonstrates the importance of Ruy Ohtake's work for the architectural and cultural scene of the city of São Paulo in the early stages of his career. However, beyond those identified and officialized by the municipal agency, there is a large number of residential projects developed by him for artists, curators, and collectors, which demonstrate his pursuit of developing an architecture aligned with the challenges of his time.

Many of these houses organize their internal spaces around a large roof and an entrance of light that guides movements or draws attention to specific points of the work. Thus, they allow activities to organize – sometimes isolating, sometimes integrating – their users from the construction of opaque and transparent volumes, openings in the internal walls, and the unusual shape and arrangement of their furniture. This can be observed in examples such as the Zuleika Halpern House (2004), where the living room, dining room, and garden seem to form the same area, or in the Marcos Schwartzman House (1981), whose program is arranged on several floors which are integrated by the openings of the central void.

In terms of production for multi-family housing, the Portal da Cidade (1986) architectural proposal guaranteed the implementation of eight 22-story towers in Morumbi. In this extensive urban area, a large marquee offers areas of intense coexistence to the residents, with a theater, auditorium, sports areas, snack bars, among others. If planning this complex that houses almost 2,000 people proved to be an interesting challenge to propose life in collectivity, the design of the Heliópolis Residential Complex (2009) intensified this process by approaching low-income families to rethink spaces and routines together. Buildings with eighteen apartments of 50 m² were designed from round

plans, for which reason they were affectionately nicknamed "little round ones" [*redondinhos*] by the residents. On the ground floors of the towers, only two apartments were implemented, so that the remaining area could be used for social interaction between neighbors. In addition, libraries, schools, and sports courts were planned, assuming the need to think about collective spaces for recreation, personal development, and sociability.

These housing experiences demonstrate that his spaces promote sociability, whether through large and inviting living rooms, often integrated with gardens, or through the common living areas, where encounters take place amidst intense colors and shapes.

- 1 Chiyo Hama House (1967), Nadir Zacharias House (1970), José Roberto Filippelli House (1970), and Paulo Bittencourt Filho House (1972).
- 2 Available in: <https://www.ipatrimonio.org/wp-content/uploads/2017/04/residencias-RuyOhtake-conpresp.pdf>. Access on: 29 apr. 2026.

TOMIE OHTAKE (1913–2015)

Born in Kyoto, Japan, Tomie Nakakubo arrived in São Paulo in 1936, accompanied by her brother, to visit another brother who was already living in the city. Although the initial plan was to stay for up to two years, increasing tensions leading up to World War II made Tomie decide to remain in Brazil. In 1937, she married Ushio Ohtake – a friend and colleague of her brother – with whom she had two sons, Ruy Ohtake (1938–2021) and Ricardo Ohtake (1942). The couple separated in 1961.

In 1952, at the age of 39, she created her first paintings, which she exhibited that same year at the 2nd São Paulo Salon of Modern Art. The following year, she began her abstract explorations and joined the Seibi Group, or Seibi-kai, which had been gathering Japanese-Brazilian artists to produce, discuss, and promote their works since 1935, with a strong emphasis on individual freedom in their creations. In a group composed predominantly of

men – as well as artists in the field of abstraction in general –, Tomie Ohtake carved out a space for herself in the Brazilian art scene, not without facing resistance. During this first decade of production, she participated in numerous salons and group exhibitions; she held her first solo exhibition in 1957 at the Museum of Modern Art of São Paulo; and, as early as 1961, she participated in the 6th São Paulo Art Biennial.

From 1960 onwards, the constructive and project-oriented process of the paintings became very important to Tomie. Selecting textures and colors from magazines, she tore small pieces of paper and created collages that served as drafts for her paintings, where irregularly edged blocks of color were formed in oil paint. In the following decade, the cutouts started to be made with scissors, making the edges clean and continuous, which consequently altered her paintings. At this time, Tomie also began exploring printmaking, resulting in a large production of serigraphs and metal engravings. It was also in 1970 that she moved from her house in Mooca to the House-Studio in Campo Belo.

From the 1980s onwards, Tomie Ohtake's painting changed with the gradual adoption of acrylic paint, allowing her to work with fluid layers, with which she created a play of transparency and depth. Parallel to painting, she began producing sculptures and public works, many of them on a grand scale. Just as she approached her paintings in a project-oriented manner, these works were also born from the construction of small models – in wire or paper – which were later enlarged by teams of engineers. Steel or concrete sculptures, panels of colored tiles, or large murals on building facades, these works transformed her relationship with urban space and the public, and she produced them until the end of her life.

She also continued painting until the age of 101, with successive new experiments and interests that led her, in the 2010s, to her last major shift, during which she produced luminous monochromes. A few months after completing this group of works, she passed away, leaving us her legacy and commitment to experimentation, as well

as the freedom of creation that she always generously shared with everyone around her.

Opened in 2001, the Instituto Tomie Ohtake carries her legacy and commitment to experimentation and to dialogue with the most diverse fields of arts, architecture, and design.

RUY OHTAKE (1938–2021)

Ruy Ohtake was born in São Paulo and graduated as an architect and urban planner from the Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) in 1960. Over more than six decades of professional activity, he was involved in the design and execution of works on various scales, ranging from object design to interventions in large urban areas. The hundreds of projects he completed across a wide range of programs – single-family residences, bank branches, public service agencies, apartment and office buildings, cultural and educational spaces, as well as infrastructural works and public facilities – demonstrate his constant concern with creating spaces of sociability, his pursuit of innovative technologies, his attention to the plasticity of volumes, reliefs, and surfaces, and his use of striking colors, exemplified by the Instituto Tomie Ohtake.

Among his large-scale urban works, Parque Ecológico do Tietê [Tietê Ecological Park] (1975), cultural and educational projects in Heliópolis, and Expresso Tiradentes [Tiradentes Express] (2007) stand out, attesting to his social commitment. The architect also served as president of the Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) from 1979 to 1982.

Ruy was awarded the Colar de Ouro [Gold Collar] by the Instituto de Arquitetos do Brasil in 2007 and received 25 other awards. He also held the title of *professor emeritus* at the Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos and received an *honoris causa* degree from Universidade Braz Cubas.

RICARDO OHTAKE (1942)

Graduated from the Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), Ricardo Ohtake has run graphic design offices for fifty years, both with various partners and solo, whose production includes visual identities, cultural activities, and primarily editorial and graphic projects for art books. Notable ones include *Oscar Niemeyer* (1985 and 2007), *Tomie Ohtake* (1983 and 2001), and *O livro do rio Tietê* [The Tietê River book] (1991), among others. He served as director of the Associação dos Designers Gráficos (ADG Brasil), where he managed cultural programs and contributed to the field of Brazilian design and the enterprises of active designers.

Ricardo taught at several schools of architecture, communication, and visual arts between 1968 and 1983. He has held positions in public administration, being the first director of the Centro Cultural São Paulo (1980–1983), as well as the director of the Museu da Imagem e do Som de São Paulo (1989–1991) and the Cinemateca Brasileira (1992–1993). He was also Secretary of Culture of the State of São Paulo (1993–1995) and the Secretary of Greenery and the Environment of the City of São Paulo (1998–2001), where he created and initiated the Environmental Atlas of the Municipality of São Paulo and carried out restoration projects for the Luz and Ibirapuera parks, among others.

Ricardo was the curator for the Brazilian Pavilion at the Venice Architecture Biennale (2010) and one of the curators of the Brazilian architecture exhibition *Neun Neue* [New Nine], which ran parallel to the Frankfurt Book Fair (2013). He held the Olavo Setubal Chair of Art, Culture, and Science at the Institute of Advanced Studies of the Universidade de São Paulo in 2017. Currently, he is the honorary president of the Associação Nacional das Entidades Culturais Não Lucrativas (ANEC). He founded Instituto Tomie Ohtake in 2001, where he served as president for 23 years and, since 2023, as chair of the Deliberative Board.

BIBLIOGRAPHY AND REFERENCES

CHAIÁ, Miguel. *Tomie Ohtake: à procura da essência da arte. Arte em São Paulo*, São Paulo, n. 7, maio, 1982.

GUERRA, Abílio; SANTOS, Silvana Romano (Orgs.). *Ruy Ohtake, arquiteto*. São Paulo: Romano Guerra, 2021.

HERKENHOFF, Paulo. *Pinturas cegas*: Tomie Ohtake. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009;

Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2012.

HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake: gesto e razão geométrica*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2014.

HERKENHOFF, Paulo. *Tomie Ohtake na Trama Espiritual da Arte Brasileira*: Exposição Comemorativa dos 90 Anos da Artista. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2003.

MACC (Museu de Arte Contemporânea de Campinas). Depoimento de Tomie Ohtake para o 10º Salão de Arte Contemporânea de Campinas – Arte no Brasil: Documento/Debate. Campinas, 1975. (Folheto).

MENDONÇA, Casimiro Xavier. *Tomie Ohtake*. São Paulo: Ex Libris, 1983.

MIYADA, Paulo. *Tomie Ohtake 100-101*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2015.

MIYADA, Paulo; GOMES, Priscyla (Orgs.). *Tomie*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2022. (com textos de Paulo Miyada, Priscyla Gomes, Mario Pedrosa, Aracy Amaral, Agnaldo Farias, Miguel Chaia, Paulo Herkenhoff, Ana Paula Cavalcanti Simioni e Sofia Gotti).

OHTAKE, Ricardo. *Tomie Ohtake: obras públicas*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2013.

OHTAKE, Ruy. *Arquitetura e a cidade*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2009.

PÉREZ-BARREIRO, Gabriel. *Tomie Ohtake: pinturas novas*. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2011.

RILEY, Terrence; CLEMENCE, Paul; KATINSKY, Julio; ANTUNES, Bianca. *Ruy Ohtake: arquitetura para pessoas*. São Paulo: APC, 2016.

SEGRE, Roberto. *Ruy Ohtake: contemporaneidade da arquitetura brasileira*. São Paulo: ABCP, 1999.

SPANUDIS, Theon. *A pintura de Tomie Ohtake. Habitat*, São Paulo, mar./abr., 1965.

**INSTITUTO
TOMIE OHTAKE**

**CONSELHO DELIBERATIVO
BOARD OF TRUSTEES**

Ricardo Ohtake
Fundador do Instituto Tomie
Ohtake e Presidente do
Conselho Deliberativo
*Founder of Instituto Tomie
Ohtake and Board Chair*
Aurea Leszczynski
Vieira Gonçalves
Vice-presidenta do Conselho
Council Vice-chair

Antonio de Souza
Corrêa Meyer
Clovis Hideaki Ikeda
Fernando Gomes de Moraes
Frances Reynolds
Inês Mindlin Lafer
Liliane Cássia Rocha
dos Santos
Renata Carvalho Beltrão
C. Biselli
Ricardo Garin Ribeiro Simon
Roberto Miranda de Lima
Walter Appel

**DIRETORIA ESTATUTÁRIA
PRESIDENCY**
Marcy Junqueira
Presidenta *President*
Rodrigo Ohtake
Vice-presidente *Vice-president*
Taís Wohlmuth Reis
Vice-presidenta *Vice-president*
Marilisa Cunha Cardoso
Diretora de Relações
Institucionais *Institutional
Relations Director*
Cristina Naumovs
Diretora de Comunicação
Communications Director

**DIRETORA EXECUTIVA
EXECUTIVE DIRECTOR**
Gabriela Moulin

**DIRETOR DE FINANÇAS
E OPERAÇÕES
CFO AND OPERATIONS
DIRECTOR**
Fábio Santiago

**CONSELHO FISCAL
SUPERVISORY BOARD**
Miguel Gutierrez
Patricia Regina
Verderesi Schindler
Sérgio Massao Miyazaki

**ASSOCIADOS
MEMBERS**
Antonio de Souza
Corrêa Meyer
Aurea Leszczynski
Vieira Gonçalves
Clovis Hideaki Ikeda
Fernando Gomes de Moraes
Fernando Shimidt de Paula
Flavia Buarque de Almeida
Frances Reynolds
Inês Mindlin Lafer
Jandaraci Ferreira de Araujo
Liliane Cássia Rocha
dos Santos
Marlui Nobrega Miranda
Renata Carvalho Beltrão
C. Biselli
Renata Vieira da Motta
Ricardo Garin Ribeiro Simon
Ricardo Ohtake
Roberto Miranda de Lima
Tito Enrique da Silva Neto
Walter Appel

**DIRETORIA EXECUTIVA
EXECUTIVE BOARD**
Gabriela Moulin
Diretora Executiva
Executive Director
Maria de Fátima Rocha
Secretária Executiva
Executive Secretary

**CAPTAÇÃO DE RECURSOS
FUNDRAISING**
Julia Puglia Bergamasco
Superintendente de Captação
Fundraising Superintendent
Jovana Santana Basílio
da Silva
Analista de Captação
de Recursos PJ
Fundraising Analyst

**NOVOS NEGÓCIOS
NEW BUSINESSES
DEVELOPMENT**
Jéssica dos
Santos Gonçalves
Coordenadora de Novos
Negócios *New Businesses
Development Coordinator*
Alailson de Melo Brito
Analista de Novos Negócios
*New Businesses
Development Analyst*
Felipe Salles Silva
Analista de Novos Negócios
*New Businesses
Development Analyst*
Giovanna Conceição
Assistente de Novos Negócios
*New Businesses
Development Assistant*

DESIGN
Vitor Cesar Junior
Superintendente de Design
Design Superintendent
Catê Bloise
Designer
Pedro Lemme
Produtor *Producer*
Tie Ito
Estagiária *Intern*

EDITORIAL
Divina Prado
Coordenadora Editorial
Editorial Coordinator
Isabela Maia
Especialista em Editoração
Editing Specialist

**COMUNICAÇÃO
COMMUNICATIONS**
Amanda Zein Sammour
Gerente de Comunicação
Communications Manager
Amanda Dias de Almeida
Analista de Comunicação
*Senior Communications
Analyst*
Livia Magalhães
Analista de Comunicação
Communications Analyst
Martim Pelisson
Assessor de Imprensa
Press Officer
Renata Mirela
Barbosa Santos
Estagiária *Intern*
Ricardo Miyada
Audiovisual *Audiovisual*
Sarah Lídice
Alfenas Moreira
Analista de Comunicação
Communications Analyst

**DIRETORIA ARTÍSTICA
ARTISTIC BOARD**
Ana Roman
Superintendente Artística
Artistic Superintendent
Lilian L'Abbate Kelian
Superintendente de Educação
Education Superintendent

**CURADORIA
CURATORSHIP**
Catalina Bergues
Lahayda Lohara
Mamami Poma
Sabrina Fontenele

**PRODUÇÃO
PRODUCTION**
Carolina Pasinato
Gerente de Produção
Production Manager
Rodolfo Borbel Pitarello
Coordenador de Montagem
Assembly Coordinator
André Luiz Bella
Produtor *Producer*
Clara Alves Machado
Produtora *Producer*
Leticia Ferraz de Carvalho
Produtora *Producer*
Victor Ferraz
Produtor *Producer*
Ana Laura e Silva
Assistente de Produção
Production Assistant
Tamara da Silva Pereira
Estagiária *Intern*

**ARQUITETURA
ARCHITECTURE**
Ligia Zilbersztejn
Arquiteta *Architect*
Rian Tito da Costa
Estagiário *Intern*

**EDUCAÇÃO
EDUCATION**
Lilian L'Abbate Kelian
Superintendente de Educação
Education Superintendent
Mariana Per
Gerente de Educação
Education Manager
Cristina Kenne de Paula
Especialista em
Acessibilidade
Accessibility Specialist
Giselle Vitor da Rocha
Especialista em Educação
e Territórios *Specialist in
Education and Territories*
Mariana Galender
Assessora de Pesquisa e
Sistematização *Research
and Systematization Advisor*
Giuliana Pedrozo Takahira
Educadora *Educator*
Leo Laura Carvalho Sartoreli
Educador *Educator*
Maria Trindade
Educadora *Educator*
Weverton Martins
de Camargo
Educador *Educator*
Thamata Barbosa
Produtora *Producer*

**DIRETORIA DE
FINANÇAS E OPERAÇÕES
FINANCIAL AND
OPERATIONS BOARD**
Fábio Santiago
Diretor de Finanças
e Operações *CFO and
Operations Director*

PLANEJAMENTO

PLANNING

Fernanda de Lima Beraldi

Gerente de Planejamento
e Processos *Planning and
Processes Manager*

PROJETOS E INCENTIVOS

PROJECTS AND INCENTIVES

Luana Andréa Lopes

Machado Cavalcanti

Coordenadora de Projetos
e Incentivos *Coordinator
of Projects and Incentives*

FINANCEIRO

FINANCE DEPARTMENT

Yasmin Tavares Lima

Coordenadora Financeira
Financial Coordinator
Luciano Santos Barbosa

Analista Financeiro
Financial Analyst
Tarcísio Barbosa

Analista Financeiro
Financial Analyst

Vinicius da Silva Mulatinho

Analista Financeiro
Financial Analyst

RECURSOS HUMANOS

HUMAN RESOURCES

Tatiane Romani

Analista de Recursos Humanos
Human Resources Analyst

Vitoria Gomes

Analista de Recursos Humanos
Human Resources Analyst

SUPORTE DE TI

IT SUPPORT

Wesley Silva

Analista de TI
IT Analyst

JURÍDICO

LEGAL SERVICES

Escritório BS&A

Helena Pavan Ferraro

Advogada Attorney
Olívia Bonan Costa

Advogada Attorney
Renata Cristiane

Rodrigues Ferreira

Advogada Attorney
Sofia Cavalcante
Advogada Attorney

OPERACIONAL

OPERATIONS

Marcos Sutani

Gerente de Operações
Operations Manager

Samuel Luiz Costa Sena

Supervisor Supervisor
Alessandro Nóbrega

de Oliveira

Assistente Administrativo
Administrative Assistant

APOIO

CUSTOMER SUPPORT

Akin Candido de Lima

Terceirizado Subcontract
Cristiane Aparecida Santos

Darc Kenlyce

Rebouças Paiva

Terceirizada Subcontract

Edson José Dias

Terceirizado Subcontract

Elza Martins Santos

Fábio Antonio de Araújo

Fábio Freire Barboza

Terceirizado Subcontract

Gilliard Gabriel da Silva

Terceirizado Subcontract

Lucas Pires da Silva

Terceirizado Subcontract

Marcelo Mariano de Oliveira

Margarete Oliveira

Maria das Graças Inacio

dos Reis

Terceirizada Subcontract

Marleide Soares da Costa

Terceirizada Subcontract
Mid Perdoná

Terceirizado Subcontract

Patrícia Pereira

Terceirizada Subcontract

Tainara de Jesus Veloso

Talita Guerra Barros Batista

Terceirizada Subcontract

Tamara Souza Rodrigues

dos Santos

Terceirizada Subcontract

Victor Hugo Ponciano

da Fonseca

Terceirizado Subcontract

LIMPEZA

CLEANING

Katia Pereira da Silva

Terceirizada Subcontract

Maria Eliane Leite da Silva

Terceirizada Subcontract

Sebastião Alves Silva

MANUTENÇÃO

MAINTENANCE

Adilson Oliveira

Jacildo Antonio de Paula

Jefferson de Almeida Souza

CASA-ATELIÊ

TOMIE OHTAKE

Realização *Produced by*
Instituto Tomie Ohtake

Organização *Organization*

Paulo Miyada

Sabrina Fontenele

Coordenação Editorial

Editorial Coordination

Ana Roman

Sabrina Fontenele

Textos *Texts*

Catalina Bergues

Gabriela Moulin

Julia Cavazzini

Paulo Miyada

Sabrina Fontenele

Revisão *Proofreading*

Isabela Maia

Divina Prado

Tradução *Translation*

Isabela Maia

Projeto Gráfico

Graphic Design

Catê Bloise

Felipe Carnevali

Paula Lobato

Pedro Lemme

Tie Ito

Vitor Cesar

Pesquisa de Imagens

Images Research

Julia Cavazzini

Sabrina Fontenele

Licenciamento de Imagens

Image Licensing

Carolina Pasinato

Agradecimentos

Acknowledgments

Carolina De Angelis

Claudia Moreira Salles

Cristiano Mascaro

Filipe Almeida de Assis

Jane Lima

José Carlos Pezybyn

Kiki Mazzuchelli

Kimi Nii

Lydia de Santes

Marcy Junqueira

Mauro Restiffe

Miguel Chaia

Ricardo Ohtake

Rodrigo Ohtake

Rosa Lima

Galeria Nara Roesler

Tiragem (2ª edição)

Print run (2nd edition)

3.000 exemplares

3,000 copies

Impressão *Printing*

Ipsis Gráfica e Editora

Papéis *Papers*

Supremo 250g e

Couché Fosco 150g

Tipografias *Typography*

Chromatic Pro

ISBN

978-65-89342-76-2

Imagens *Images*

Acervo Ohtake

Ohtake collection

p. 09, 14, 18, 20, 23, 26,

39 e 40

Desenhos de

drawings by Ruy Ohtake

p. 36 e 37

Cristiano Mascaro

p. 1, 2, 4, 5, 22, 27, 30

e quarta capa

Mauro Restiffe

p. 11, 15, 19, 22, 27, 30

e capa

O Instituto Tomie Ohtake realizou todos os esforços para encontrar os detentores dos direitos autorais incidentes sobre as imagens/obras aqui expostas e publicadas, além das pessoas fotografadas. Caso alguém se reconheça ou identifique algum registro de sua autoria, solicitamos o contato pelo e-mail instituto@institutotomieohtake.org.br.

Instituto Tomie Ohtake made every effort to find the holders of copyrights on the photographed images/artworks published here. If you identify yourself or some work of your authorship, please contact us by email: instituto@institutotomieohtake.org.br.

© Instituto Tomie Ohtake
Complexo Aché Cultural
Rua Coropés, 88 – 05426-010
Pinheiros – São Paulo
(11) 2245-1900
institutotomieohtake.org.br
instituto@institutotomieohtake.org.br
2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

I59ca
Instituto Tomie Ohtake.

Instituto Tomie Ohtake.
Casa-ateliê Tomie Ohtake / textos de
Sabrina Fontenele, Julia Cavazzini [et al.] ;
fotografias de Cristiano Mascaro, Mauro Restiffe
e Acervo Ohtake. – 2. ed. – São Paulo :
Instituto Tomie Ohtake, 2026.
48 p. : il.

ISBN 978-65-89342-76-2

1. Arquitetura 2. Artes plásticas - Exposições -
Catálogos 3. Desenhos 4. Fotografias 5. Depoimentos
I. Bergues, Catalina. II. Moulin, Gabriela.
III. Cavazzini, Julia. IV. Miyada, Paulo.
V. Fontenele, Sabrina. VI. Roman, Ana.

24-215502

CDD-720

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura 720
Felipe Salles - Bibliotecário - CRB-8/10470

Mantenedor institucional



Apoio

AkzoNobel



Realização

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Ruy Ohtake

1966

1982

1996

978-65-89342-76-2



INSTITUTO **TOMIE OHTAKE**